



A MAMÃ CAIU DE CABEÇA

Naquela manhã, quando Leonardo acordou, já o sol entrava por entre as cortinas. Deu uma olhadela ao despertador. Nove horas e meia! E era um dia de escola.

— Mamã! Mamã!

Nenhuma resposta. Lançou-se em direcção ao quarto laranja.

— Mamã! – gritou ofegante. – É tarde, vou chegar atrasado!

Mas a mãe, que continuava deitada, meteu a cabeça debaixo da travesseira, resmungando. Leonardo não acreditava no que os seus olhos viam. Habitualmente, era ela que tinha de o tirar da cama.

— Tenho fome! – gemeu. – Quando é que comemos?

— Quero lá saber – resmungou a mãe. – Vê no frigorífico.

Leonardo, furioso, dirigiu-se à cozinha. Engoliu um resto de cereais e um copo de água, à laia de pequeno-almoço, o que o deixou de muito mau humor. A mãe levantou-se finalmente por volta das onze horas, bocejou ruidosamente e ligou o televisor. Era o programa das tele vendas, onde se podia encomendar conjuntos de raspadores, secadores de cabelo, jóias, aparelhos de musculação e o que quer que fosse, com um simples telefonema. A mãe dizia que era um programa pateta e que era preciso estar de cabeça virada para ver aquelas tolices. Mas, naquele dia, estava toda sorridente a assistir, com os olhos arregalados como dois pires e os pés descalços em cima do sofá. À hora do almoço, pôs dois pratos e uma garrafa de *ketchup* em cima da mesa.

— O que é que se come? – perguntou Leonardo cheio de esperança, porque com o *ketchup* vinham muitas vezes batatas fritas.

— Pão com *ketchup* – respondeu a mãe.

— E que mais?

— É só – disse a mãe. – *Ketchup* e Coca-Cola.

— E de sobremesa?

— Um sonho descongelado.

— Não é lá muito bom para a saúde – murmurou Leonardo, que se sentiu estranhamente triste por não ter entrada, nem prato, nem sobremesa.

— E não vou à escola?

— Não, hoje não vais. É o que tu queres, não é?

Leonardo perguntou-se se a mãe não estaria de cabeça para baixo. Tinha vontade de lhe gritar: — Leva-me à escola! Manda-me vestir e escovar os dentes! Diz-me que acabe de comer o que tenho no prato!

Mas teve uma ideia melhor.

— Posso ver televisão?

— Claro, tudo o que quiseres — disse a mãe, entregando-lhe o telecomando. – Eu vou deitar-me. Leonardo pegou no telecomando e devorou todos os desenhos animados proibidos, os violentos e idiotas, os mais sangrentos e ruidosos: *O Doutor Niarc-Niarc e os seus trinta e seis monstros mal cheirosos*, *O Robô japonês sedento de sangue* e *O regresso do game-boy assassino*.

Duas horas depois, doía-lhe horrivelmente a cabeça e viu que tinha um problema entre mãos. “O que se há-de fazer”, perguntava-se Leonardo, “quando a nossa mãe cai de cabeça? Será que se deve chamar o médico?” Ainda ontem ela se zangara quando Leonardo se tinha recusado a desligar o televisor. E hoje... fazia tudo ao contrário!

Às sete horas da tarde, Leonardo viu que ninguém o chamava para o banho. Não ouviu correr a água na banheira, como de costume.

— Dás-me uma ajuda para o banho? – perguntou ele cheio de esperança.

— Oh, não – disse a mãe que tinha voltado a ligar o televisor. – Vou ver a minha telenovela preferida.

— E para o jantar? – perguntou Leonardo, que sentia a cólera crescer.

— Vê no armário. Deve haver Estrelitas. Podes entreter-te a trincá-las e a beber Coca-Cola.

Leonardo sentiu saudades do cheiro do gratinado e até do das vagens cozidas a vapor.

— Estou farto, farto, farto! – gritou.

E foi meter-se no quarto para reflectir. O que estaria a passar-se? Sentia-se empurrado de um lado para o outro. Já não havia regras em casa, toda a gente fazia o que lhe apetecia; ele gostava de sonhos, de Estrelitas e, ainda no dia anterior, tinha torcido o nariz diante das cenouras raladas e do gratinado de curgetes. Então, por que se sentia tão infeliz? Por que tinha tanta vontade de que a mãe lhe desse ordens, lhe dissesse que fosse à escola, que tomasse banho, que comesse os legumes? Sem banho, sentia-se sujo. Estava a ser um dia atroz, medonho, medonho, medonho.

Às nove horas, Leonardo escovou os dentes e enfiou o pijama. A mãe apareceu, trazendo um livro na mão. E perguntou num tom jovial:

— Então, querido, que tal passaste o dia?

— Horrível – resmungou Leonardo. – Pavoroso. Um verdadeiro pesadelo. Já não és a minha mãe e eu não quero ver-te mais. És uma feiticeira.

A mãe pegou em Leonardo ao colo, como fazia quando ele era bebé, e o menino deliciouse com o seu perfume de violetas. Parecia que ela tinha voltado a ser a sua mãe. Será que caíra outra vez de cabeça e anulara o choque anterior?

— Estou muito contente – disse a mãe – por teres compreendido. Ninguém, e muito menos as crianças, pode viver sem regras, sem leis. Por vezes, o sonho das crianças é deixar de ouvir os pais dizer: “Vai lavar os dentes, pára de ver televisão, são horas de ires para a escola, come os legumes, vais ficar enjoado de tanto comeres bombons”. E por vezes – murmurou ela – os pais também sonham com um mundo onde não tivessem de dizer ou de repetir essas coisas... Mas é impossível. Temos de respeitar certas regras de vida para sermos felizes. Sabes, se a escola não existisse, ias aborrecer-te imensamente em casa!

No dia seguinte, quando a mãe o acordou às sete e meia, dizendo-lhe carinhosamente:

— Levanta-te, querido, são horas! – Leonardo levantou-se imediatamente. Depois, dirigiu-se à cozinha, de onde vinha um cheiro agradável: havia ovos, presunto, sumo de laranja, uma boa chávena de leite... “Uau! Uau!” – pensou. Naquela manhã não foi preciso pedir-lhe que lavasse os dentes nem que pegasse na mochila. E, quando chegou da escola, podes crer que achou deliciosas as ervilhas e a perna de carneiro. Nem *ketchup* pediu...

Sophie Carquain
Petites histoires pour devenir grand
Paris, Albin Michel, 2003